

dos seus recursos e de um rigoroso controle do crescimento populacional, mantiveram a sua ilha produtiva, mesmo após três mil anos de ocupação humana.

Em absoluto contraste, porém, a ilha de Páscoa fornece o exemplo de um dos desastres ecológicos mais dramáticos do passado. As gigantescas estátuas de pedra que contam parte da história de seus habitantes foram obra humana, demasiado humana, de custo ambiental excessivamente alto. O resultado é que ficaram poucos pascoenses para contar a história e repovoar a ilha. O seu isolamento faz desta ilha o mais eloquente exemplo de uma sociedade que se destruiu por abusar de seus recursos. Além dos impactos ambientais humanos – sobretudo desflorestamento e extinção das aves – os factores políticos, sociais e religiosos foram também determinantes: A impossibilidade da emigração como válvula de escape, o foco na construção de estátuas e a competição entre clãs e chefes instigaram a construção de estátuas cada vez maiores, requerendo mais madeira, mais cordas, mais alimentos.

A propósito de uma comparação entre o mundo global de hoje e as antigas culturas que entraram em colapso, a ilha da Páscoa, em particular, Diamond refere, porém (p.119): ‘Claro que a metáfora é imperfeita. A situação actual difere em importantes aspectos das sociedades antigas. Algumas dessas diferenças beneficiam-nos em termos da diminuição do risco ambiental, outras prejudicam-nos’. Apesar de tudo, o livro convida a reflectir: Será racional pensar que a actual população mundial, com toda a potente tecnologia moderna de que dispõe, está a destruir o ambiente à escala planetária a um ritmo muito mais rápido do que algumas culturas insulares, usando apenas instrumentos de pedra e madeira, o haviam feito no passado a nível local? Será que a tecnologia actual irá resolver os nossos problemas ou está a criar novas ameaças mais depressa do que soluciona as antigas? Quando esgotamos um recurso, seremos capazes de o substituir por um recurso novo? Se pedras e madeira como ferramentas e músculos como fonte de energia conseguiram destruir uma sociedade, o que estaremos nós a fazer?

Desta forma, fica implícito, no que diz Diamond, que confiar em tecnologias capazes de salvar o mundo é uma abordagem temerária. Mais do que o puro recurso a novas tecnologias, serão as políticas e estratégias

seguidas a fundamental questão de futuro. Tanto as sociedades que entraram em colapso no passado, como aquelas que correm risco de colapso no presente, dispunham de sofisticados aparatos tecnológicos, para os padrões de cada época, mas as sociedades que foram bem sucedidas deveram-no à aplicação de políticas e medidas de protecção ambiental.

O livro termina referindo que, uma vez que somos a causa dos nossos problemas ambientais, também somos os únicos que poderão controlar esses problemas. Temos o poder de escolher fazê-lo ou não. Talvez ainda possamos aprender com o passado, mas só se avaliarmos bem as suas lições. Diamond deposita esperança em que haja suficientes pessoas a querer fazer a diferença positiva.

**Margarida Pocinho**

*Escola Superior de Tecnologias da Saúde  
de Coimbra*

**Stephanie McLuhan e David Staines (eds.). 2005. *McLuhan por McLuhan: Conferências e Entrevistas Inéditas do Profeta da Globalização*. Rio de Janeiro: Editora Ediouro. 367 pp. ISBN: 85-00-01648-5.**

‘Não consigo pensar em outra figura que haja dominado todo um campo de estudo na segunda metade do século XX. Na virada do século XIX e nas primeiras do século XX, houve Darwin na Biologia, Marx na Ciência Política, Einstein na Física e Freud na Psicologia. Depois deles, só houve McLuhan nos estudos da comunicação’. Esta citação (p.11) é de Tom Wolfe – escritor norte americano conhecido pelos sucessos *A Fogueira das Vaidades* e *Os Eleitos* (ambos, mais tarde, adaptados com enorme sucesso ao cinema) e percursor do chamado novo jornalismo – referindo-se a Marshall McLuhan (1911-1980), no excelente prefácio que assina para o livro *McLuhan por McLuhan: Entrevistas e Conferências Inéditas do Profeta da Globalização* que a editora brasileira Ediouro traduziu e publicou em 2005.

O pensamento de McLuhan está bem vivo, no Brasil. De facto, a par deste título destacam-se, no panorama editorial brasileiro, muitos outros livros de McLuhan, situação

que contrasta com a realidade portuguesa que não apresenta uma só das suas obras traduzidas. No nosso país, o único livro de que se dá conta é um texto sobre McLuhan, publicado pela editora Multinova com data de 1978, intitulado *Era Electrónica, um Novo Homem, um Cristão Diferente*, de Pierre Babin.

No Brasil, como disse, a situação, é bem diferente. Estão traduzidos dois dos três grandes textos de McLuhan. O primeiro, o mais antigo, sem tradução no Brasil, talvez porque mais afastado das teses que vieram a fazer de McLuhan uma figura de renome mundial, intitula-se *A Noiva Mecânica: Folclore do Homem Industrial*. Publicado em 1951, consiste num olhar profundo e bem humorado (o humor era, aliás, uma das características mais salientes de Marshall McLuhan) sobre a civilização electromecânica, cuja mitologia dominante repousa sobre o culto do automóvel. Os anos 1950, tanto no continente americano, como na Europa (penso, designadamente, em Roland Barthes e o seu trabalho sobre as mitologias) viram surgir o interesse sobre as massas e a cultura popular. *A Noiva Mecânica* é sintoma desse ambiente que via no cinema, na rádio, no discurso publicitário, uma nova linguagem pobre no seu conteúdo, mas muito rica quanto à forma.

No entanto, o texto de McLuhan mais conhecido é, sem dúvida, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Publicado pela Cultrix em 1971 – poucos anos depois da edição original em 1964, vejam só - e com tradução do Professor Décio Pignatari, o que garante, desde logo, a qualidade do texto. Este foi o livro que fez com que McLuhan fosse conhecido internacionalmente e contém, de facto, as teses mais importantes deste autor sobre os meios de comunicação, designadamente, a ideia segundo a qual existe uma relação entre a tecnologia, o humano e a cultura. A frase de McLuhan que condensa esta ideia – ‘O meio é a mensagem’ – significa, justamente, que os media são prolongamentos ou extensões dos sentidos humanos e é nessa medida que afectam o modo como percebemos a realidade. Ou, se quisermos e citando Wolfe de novo: ‘qualquer grande novo meio de comunicação altera toda a perspectiva das pessoas que o usam’ (p.14).

Esta ideia, encontra-se, de certa forma, já implícita nos trabalhos de Harold Innis (1864

-1952), de quem McLuhan assume explicitamente a influência. Innis foi um economista canadiano, cujas investigações são pioneiras dos processos que hoje designamos como globalização. Ele faz parte, juntamente com outros autores, como o próprio McLuhan, mas também, por exemplo, com Derrick de Kerckhove, discípulo de McLuhan e actual responsável pelo centro de investigação McLuhan na Universidade de Toronto, daquilo a que, presentemente, se chama a ‘escola canadiana da comunicação’. Innis foi quem, primeiramente e quarenta e um anos antes de McLuhan, no texto *History of the Canadian Pacific Railway*, publicado em 1923, colocou a hipótese da relação entre as formas tecnológicas de comunicação e a evolução histórica das sociedades, hipótese que está no cerne do tão discutido determinismo tecnológico de que McLuhan é acusado. A influência de Innis em McLuhan tinha sido já abertamente reconhecida aquando da publicação de *A Galáxia de Gutenberg: A Formação do Homem Tipográfico*, editada, no Brasil, pela Editora Nacional, em 1977 (com edição original em 1962). Neste texto, McLuhan não esconde a sua dívida para com Innis, quando escreve: ‘Harold Innis foi o primeiro a perceber que o processo de mudança estava implícito nas formas da tecnologia dos meios de comunicação. Este meu livro representa apenas notas de pé de página à sua obra, visando explicá-la’.

Uma outra influência em McLuhan, tão poderosa como a de Innis, mas pelo autor sempre calada, foi – quem diria?! – o padre jesuíta Theillard de Chardin (1881- 1955), cujas teses teológicas progressistas abalaram a igreja da época. O alcance do pensamento de Theillard de Chardin sobre McLuhan exige, certamente, maiores desenvolvimentos do que aqueles que são permitidos no espaço desta recensão. Contudo, podemos adiantar, desde logo, que uma influência católica não é de estranhar, já que o próprio McLuhan, oriundo de uma família baptista, adere ao catolicismo, baptizando-se com 26 anos de idade, quando frequenta Cambridge, onde obtém o mestrado de língua inglesa, em 1933. A partir dessa data, McLuhan assume-se como um católico praticante, passando a leccionar sempre em escolas católicas.

Tom Wolfe vê, nesta relação muito próxima entre McLuhan e o catolicismo, paradoxalmente, a razão da ocultação pública da influência de Theillard de Chardin no seu

pensamento, já que, em privado, assumia abertamente a sua preferência. Paradoxalmente porque, sendo Theillard de Chardin católico, a verdade é que a igreja o considerava demasiado heterodoxo, sendo acusado, pelos círculos mais conservadores, de aceitar a maior parte do darwinismo como verdadeira, o que terá motivado a proibição da igreja, contra Theillard de Chardin, em ensinar. Ora, McLuhan, para além de ser católico praticante e de levar muito a sério esta opção, ensinava em instituições católicas, o que limitava, neste caso, a sua liberdade.

A influência, no texto macluiano, de Theillard de Chardin é visível, a propósito, por exemplo, do conceito de aldeia global, consequência da actividade dos media electrónicos. A aldeia global é uma espécie de secularização do conceito de nooesfera de Theillard de Chardin. A noção pretende descrever, numa primeira aceção, a compactação do tempo e do espaço, por acção dos media, e a consequente transformação dos dois elementos axiais da experiência humana – o tempo e o espaço – reforçando a ideia da comunicação como um factor de ligação entre os seres humanos. Num segundo plano, este princípio claramente religioso liga-se com a possibilidade de transformação da natureza humana, natureza que seria agora afectada pela unificação das consciências humanas, possibilitada pelas tecnologias da comunicação. A nooesfera de Theillard de Chardin aparece, assim, como a encarnação do conceito cristão de corpo místico, pelo qual todos os seres humanos fariam parte do corpo de Cristo.

Para além destes textos de McLuhan, outras obras, mais ou menos de divulgação, foram dadas à estampa, superando, há muito, as primeiras edições, o que demonstra o interesse do público brasileiro pelas análises de McLuhan. Entre estas obras, destaco a tradução de *McLuhan* de Sir Jonathan Miller – e publicado em Londres no ano de 1970, e que surge no Brasil, três anos depois, pela iniciativa da Cultrix, com o título *As Ideias de McLuhan – e Revolução na Comunicação*, editado pela Zahar, indo já, em 1980, na 4ª edição, do antropólogo Edmund Carpenter, da Universidade de Toronto, que partilha a autoria do texto com o seu amigo e colega McLuhan.

O livro *McLuhan por McLuhan: Entrevistas e Conferências Inéditas do Profeta da Globalização* constitui mais um excelente

contributo para a divulgação do pensamento de Marshall McLuhan em língua portuguesa, apresentando 19 textos do próprio McLuhan, cujos temas vão desde a cultura de massa, passando pela cibernética e a televisão, até às questões relacionadas com a cultura, a violência e a identidade. A colectânea é organizada pela mulher do autor, Stephanie McLuhan, e por David Steines, que escreve também o posfácio. Steines é um historiador da literatura que foi, primeiramente, aluno de McLuhan do curso de literatura moderna da faculdade de Saint Michael da Universidade de Toronto e, mais tarde, seu colega (Steines leccionou literatura em Harvard) e amigo da família, a quem Stephanie reconhece a iniciativa da ideia. O texto de Steines é curto, mas interessante, porque também dá a ver o lado mais pessoal e humano de McLuhan, de que o seguinte episódio é particularmente expressivo (p.358): ‘Nossos caminhos – conta Steines – só viriam a se cruzar em 1974, quando almoçamos juntos em Toronto (sempre às 12,45) e eu o convidei para dar uma conferência pública em Harvard, no curso de literatura canadense que eu pretendia introduzir no ano seguinte. “Porque eu iria a Harvard?” perguntou, regalando-me com razões pelas quais Harvard não o impressionava. “Por que eu iria a Harvard?”’, perguntou de novo. Eu, na ausência de qualquer resposta lógica possível, respondi: “Por minha causa”. Para minha surpresa, McLuhan respondeu: “Está bem”’.

**J.C. Vasconcelos**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Frédéric Ramel. 2006. *Les Fondateurs Oubliés : Durkheim, Simmel, Weber et Mauss et les Relations Internationales*. Paris: Presses Universitaires de France. 117 pp. ISBN: 2 13 055075 4.**

Neste livro, Frédéric Ramel tenta extrair, de entre a vasta obra dos quatro grandes clássicos da sociologia, pedaços de uma história da sociologia das relações internacionais. Nenhum dos autores considerados dedicou uma obra maior a este tema, pelo que Ramel vai ter que partir de obscuros opúsculos, pequenas partes de livros, lições e artigos dispersos para reconstruir o pensamento de